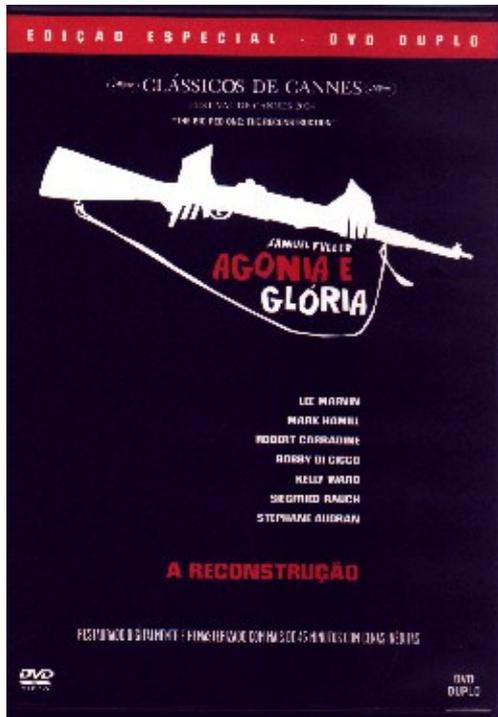


AGONIA E GLÓRIA



Esta é a estória de um sargento e quatro soldados que atravessam juntos todas as campanhas da lendária 1ª Divisão de Infantaria americana (a “Big Red One”) durante a 2ª Guerra Mundial.

O diretor Samuel Fuller foi um veterano da 1ª Divisão e, antes dessa obra, realizou outros filmes de guerra. Seria lógico então que “Agonia e Glória” se tornasse um dos melhores filmes de guerra de todos os tempos. No entanto, embora seja um sucesso de crítica, ele de fato é um dos filmes mais medíocres já realizados.

Da primeira à última sequência, as cenas são de um absurdo palmar. Logo no primeiro momento, ainda na Grande Guerra, o personagem de Lee Marvin (que durante todo o filme é identificado apenas como “Sargento”) esfaqueia um soldado alemão desarmado e de mãos levantadas, para depois ficar com remorso ao saber que a guerra já havia acabado! E como se não bastasse, a coisa toda se repete no final da 2ª Guerra! Me poupe!

O desembarque na Normandia é tão mal enenado que já perdia longe para o bom e velho “O Mais Longo dos Dias”. Porém, depois de “Resgate do Soldado Ryan”, ele se torna simplesmente deprimente. A cena da emboscada no tanque é de uma indigência constrangedora e a atuação do grupo, que parece estar sempre na retaguarda inimiga, faz lembrar do velho seriado “Combate”. A luta no hospício também é muito pouco convincente, sendo quase cômica ou até surreal. Acompanha o pacote ainda farto estoque de falhas menores, como “mortos” que mexem os olhos e que se apoiam ao cair no chão.

Em 2004, o filme foi recuperado (ou melhor, reconstruído) e fomos então brindados com mais 49 minutos de cenas que, na grande maioria, não faziam a menor falta e que só contribuem para deixar o filme ainda mais truncado e incoerente (de uma hora e cinquenta e três minutos, ele passou para duas horas e quarenta e dois minutos de duração). A cena do médico alemão homossexual, além de grotesca, é historicamente absurda, pois todo mundo sabe onde iam parar os homossexuais alemães durante o regime nazista. A maior ênfase dada ao sargento alemão foi um desperdício, pois falhou redondamente na ideia de fazer um paralelo com o “nosso” sargento e as novas cenas dele servem apenas para quebrar o ritmo do filme (se é que ele tem algum).

Mas o filme também tem alguns raros momentos de brilho. Alguns textos são simplesmente maravilhosos, como quando Griff (Mark Hamill, o eterno Luke Skywalker) questiona o morticínio da guerra e recebe como resposta, do sargento, que “nós não assassinamos, nós matamos”; após realizarem o parto de uma francesa dentro de um tanque (como eles conseguiram enfiar uma mulher em trabalho de parto dentro de um tanque, é melhor nem pensar nisso...), a voz em *off* de Zab (Robert Carradine) dizendo: “Ganhamos um monte de medalhas - não pelo bebê que ajudamos a nascer, mas pelos alemães que matamos”. O tratamento dispensado aos recompletamentos foi bem marcante. Também merece destaque a imagem de um relógio, no pulso de um soldado morto, sendo banhado por ondas cada vez mais vermelhas de sangue em “Omaha”. O paciente do hospício disparando a submetralhadora a esmo e gritando “Eu sou como vocês! Eu sou são” é extraordinária. A cena do jovem franco atirador foi um acréscimo interessante, principalmente pelo seu inesperado desfecho. E a cena em que Griff descarrega seu fuzil várias vezes contra um guarda do campo de extermínio dispensa palavras. Enfim, é um filme de altos e baixos, mas os pontos altos não conseguem compensar a sua incoerência geral.

FICHA TÉCNICA:

Título Original: “The Big Red One”.

Elenco: Lee Marvin, Mark Hamill, Robert Carradine, Bobby di Cicco, Kelly Ward, Siegfried Rauch e Stephane Audran.

Diretor: Samuel Fuller.

Ano: 1980.

Classificação do SOMNIUM:



CURIOSIDADES:

- John Wayne teria se oferecido para interpretar o sargento, mas o papel acabou ficando mesmo com Lee Marvin, pois Fuller não queria um “herói”, mas, sim, um sargento que “encarnasse a morte”.

- Lee Marvin lutou na Segunda Guerra Mundial, mas no Pacífico, em Saipan (e foi ferido).

- Os atores principais encarnaram tão bem seus personagens que passaram a tratar com desdém os atores que atuavam como recompletamentos, atraindo o desprezo dos seus colegas de profissão até hoje.
- No documentário “Reconstrução”, Robert Carradine diz que quando ele, Mark Hamill, Bobby Di Cicco e Kelly Ward conheceram Lee Marvin, Marvin não disse nada a princípio. Depois de entrarem em um táxi para irem ao campo de tiro, onde aperfeiçoariam suas habilidades, Marvin finalmente disse: “Qual de vocês é Carradine?” Robert Carradine respondeu: “Sou eu”. A resposta de Marvin: “Foda-se, Carradine”. Pouco tempo depois, após trabalharem juntos, Carradine perguntou a Marvin por que ele havia dito aquilo. Marvin respondeu: “Porque o seu era o único nome que eu reconheci”.
- Na reconstrução do filme, várias imagens tiveram que ser tratadas digitalmente; boa parte da banda sonora estava irremediavelmente danificada e várias cenas precisaram de ressonorização.
- O tosco número 1 que aparece no prólogo do filme foi colorizado em vermelho sobre o filme em preto e branco durante a reconstrução. Na época do filme original, não se fez essa colorização devido a dificuldades técnicas, mas hoje essa é uma técnica relativamente simples.
- Preste atenção na cena em que aparece um operador de câmera do Exército americano: é o próprio Fuller.
- Este é considerado o último filme de guerra de Lee Marvin, já que “Os Doze Condenados: A Nova Missão” (1985) foi feito para a televisão.
- Durante a repressão do Reino Unido aos filmes de vídeo na década de 1980, o filme foi brevemente apreendido pela polícia de Manchester, que acreditava ser um filme de sexo (“O Grande Um Vermelho”, é, faz sentido...).
- De acordo com uma resenha no “Variety Movie Guide”, este filme foi baseado nas experiências do próprio diretor-roteirista (Samuel Fuller) como soldado (difícil de acreditar).
- Os gritos das trincheiras enquanto os tanques rolam sobre eles parecem estranhamente fora de lugar, mas na verdade aconteceram. Samuel Fuller disse: “Quando estávamos naqueles buracos, e os tanques estavam rolando sobre nós, era a nossa única chance de gritar todo o terror e não sermos ouvidos. Conseguimos tudo isso naqueles buracos”.
- A maior parte das filmagens foi feita em Israel e o diretor Samuel Fuller comentou que era perturbador quando os soldados “alemães” tiravam os capacetes e Fuller os via usando o quipá; também, entre as tomadas, eles ficavam sentados em volta do set, com uniforme nazista completo, falando hebraico ou lendo a Torá.
- Na versão reconstruída, o capitão no prólogo da Primeira Guerra Mundial reaparece em um curto segmento como comandante da “Big Red One”, pouco antes da Batalha de Hurtgen, no outono de 1944. O comandante real durante esse período, o major-general Clarence R. Huebner, realmente era capitão da “Big Red One” no final da Primeira Guerra Mundial.
- Segundo o historiador de cinema Richard Schickel, a cena em que o Sargento (Lee Marvin) é ferido é uma recriação de como Marvin foi ferido na vida real como um fuzileiro naval no Pacífico. Como no filme, Marvin foi baleado pelas costas e desabou de joelhos.
- Durante as filmagens, Lee Marvin e Perry Lang se desentenderam. De acordo com o depoimento de outros atores no documentário “Reconstrução”, Marvin e Lang ficaram uma semana sem se falar. Afinal, Marvin começou a falar com Lang e tratou-o com respeito por manter firme sua posição diante dele.

- No comentário do filme, Richard Schickel aponta dois incidentes que realmente aconteceram com Samuel Fuller enquanto servia na “Big Red One” e foram interpretados por Robert Carradine (Zab): um deles foi quando Zab está jogando basquete e vê Keiser (Perry Lang) lendo o seu romance. Na vida real, Fuller não sabia que seu romance tinha sido publicado até que ele viu um soldado lendo-o. O outro incidente é quando Zab atua como mensageiro durante a invasão do Dia D e avisa ao coronel que eles haviam conseguido uma ruptura. Fuller recebeu uma medalha por essa ação.

- Segundo consta, Samuel Fuller queria Martin Scorsese para o papel de Vinci, mas Scorsese preferiu fazer “Touro Indomável” (1980).

- Em 2005, Mark Hamill, que interpreta Griff, emprestou seu talento para o videogame Call of Duty 2: Big Red One. Como o filme, o jogo segue as façanhas de um esquadrão da “Big Red One”, do norte da África à Europa Oriental.

- De acordo com Robert Carradine no Documentário “Reconstrução”, ele foi originalmente escalado como Griff. No entanto, quando os produtores souberam que poderiam obter Mark Hamill, recém-saído do sucesso de “Star Wars” (1977), Carradine recebeu o papel de Zab, para que Hamill fosse escalado como Griff.

- Todos os guardas do campo de concentração nazista foram interpretados por judeus. O local era uma base militar em Israel e os carcereiros eram soldados israelenses emprestados para a produção.

- Samuel Fuller originalmente submeteu uma versão de quarto horas e depois uma de duas horas, mas ambas foram rejeitadas pelo estúdio.

- Samuel Fuller queria Kris Kristofferson para um papel, mas ele teve que recusar devido a um compromisso musical.

- O nome Lemchek é recorrente nos filmes de Samuel Fuller: ele também aparece em “Arancada Final” (1951), “Capacete de Aço” (1951) e “A Batalha de Burma” (1962).

- Samuel Fuller baseou o personagem Zab em si mesmo e também escreveu um livro chamado “The Dark Page”.

- Este filme está incluído na lista de “Great Movies” de Roger Ebert e na lista “1001 filmes que você deve ver antes de morrer”, editado por Steven Schneider (mas não na minha).

- Samuel Fuller colocou os atores em um pequeno treinamento. Lee Marvin, como ex-fuzileiro naval, era o instrutor, mesmo nos mínimos detalhes, como segurar um rifle e trocar um pente do fuzil na hora certa, o mesmo que no combate real.

FUROS:

- Na cena de abertura (1918) na trincheira, o creme de barbear do oficial cobre o lábio e o queixo, depois o queixo apenas, depois de volta ao lábio e ao queixo.

- Os tanques alemães na verdade são Shermans israelenses repotencializados. Os tripulantes dos tanques são israelenses e usam capacetes modernos com microfones. Estranhamente, os americanos nesse filme não têm tanques.

- Quando o grupo passa por um muro na Sicília em que aparece um grande cartaz de propaganda fascista, os dizeres no cartaz estão errados. Nele se lê: “Se avanzo, Se guitmi! Se indietreggio, uccidetemi! Se muoiu, vendicatemi!”. Deveria ser: “Se avanzo, Seguitemi! Se indietreggio, uccidetemi! Se muoio, vendicatemi!”. Traduzindo: “Se avanço, segue-me! Se recuo, mate-me! Se morro, vingue-me!”.

- Lee Marvin estava então com 54 anos, ou seja, velho demais para um sargento em campanha.

- Na cena da emboscada, com o alemão se escondendo atrás da cruz, o sol está brilhando na cruz e no rosto do alemão. No entanto, na mesma sequência, a cruz projeta uma sombra pelo campo na direção oposta à primeira cena.
- Quando o correspondente de guerra está filmando os soldados, você pode ouvir o som do motor da câmera, mas as manivelas nos carretéis não estão se movendo.
- Quando Zab está conversando com um soldado que está lendo o livro “The Dark Deedline”, ambos bebem uma garrafa de uísque Grants em forma triangular. O Grant Whiskey não vendia garrafas de uísque com formato triangular até 1957.
- Na cena de abertura, que acontece em novembro de 1918, o sargento mostra ao oficial a insígnia do ombro que ele criou e diz que representa a “1ª Divisão de Infantaria”. A divisão só recebeu essa designação em maio de 1942.
- Nas cenas na Sicília, aparece uma bandeira italiana moderna, adotada para a República da Itália em 1948. Durante a guerra, a bandeira seria a do reino da Itália, com o mesmo tricolor verde-branco-vermelho, mas acrescentando um emblema da Casa de Savoia no centro do campo branco.
- As plaquetas de identificação (“Dog Tags”) de Griff mudam de posição quando ele está desenhando no verso do cartaz.
- Quando o Sargento está procurando pelo canhão, seu rosto está encharcado de suor, mas fica seco quando se aproxima da arma.
- No início do filme, o soldado alemão que está comendo pão tem uma granada na bota direita. Enquanto ele sobe a duna de areia, a granada muda para a bota esquerda.
- O galho de árvore movido pelo Sargento muda enquanto ele procura o canhão.
- O Sargento carrega um menino e coloca-o em uma cama. A sua camisa muda de posição.
- Quando a metralhadora do tanque está disparando, um caminhão é visível e está próximo ao tanque. Do ponto de vista da cruz, não há nenhum caminhão no local.
- Quando Lee Marvin joga uma granada no primeiro ninho de metralhadora, um dos metralhadores está se movendo como se a granada já tivesse atingido o ninho. Então, a granada atinge o ninho e há uma explosão e os outros dois soldados se lançam mortalmente.
- A sombra da câmera é visível nas costas dos soldados americanos enquanto eles correm para saudar os franceses no norte da África.
- Durante a cena da Primeira Guerra Mundial entre o sargento e o oficial no abrigo, o Sargento descobre que o armistício havia sido assinado quatro horas antes, às 11 horas, 11 de novembro de 1918. Enquanto conversava com o oficial, o sargento estava cortando um pedaço de pano vermelho na forma de um número “1” que ele diz que vai propor como uma insígnia para a divisão. No entanto, a ombreira para a 1ª Divisão composta por um número vermelho “1” já havia sido aprovada em 31 de outubro de 1918.
- Durante o combate na África do Norte, em dado momento, pode-se ver pelo menos um alemão usando o padrão de camuflagem “Flecktarn” – que nunca foi usado na África do Norte.
- Quando as tropas desembarcam na praia, no norte da África, não há transporte de tropas por perto. O mesmo erro é repetido nos desembarques do Dia D.